

Comércio de Brasília prevê aumento de 50% nas vendas

VANDERLEI POZZEMBOM



Comerciantes prevêem boas vendas também nas festas natalinas

O comércio de Brasília espera alcançar até dezembro um aumento de 50 por cento nas vendas em relação a 1992. Os cálculos são do presidente do Sindicato do Comércio Varejista (Sindivarejista), Lázaro Marques Neto. Ele argumenta que os aumentos dados pelo Governo ao funcionalismo contribuem “de maneira decisiva” para o incremento das vendas em todos os pontos do DF.

Acentua que o movimento maior nas vendas ocorre entre os dias 26 e 2 de cada mês quando os servidores recebem os salários. Lázaro Marques lembra que a aceitação de cheques pré-datados nas lojas responde por 35 por cento das vendas, ficando o restante com pagamento à vista e o uso de cartões de crédito.

“Mesmo com a crise e a inflação que atingem o País, 1993 está sendo um ano razoável para a grande maioria dos lojistas”, afirma o presidente do Sindivarejista argumentando que a vinda de outras grandes lojas para Brasília é também um sinal do fortalecimento do comércio e aumento das vendas.

Otimismo — Os comerciantes paulistas também esperam otimistas as festas de fim de ano. Eles acreditam que os resultados serão melhores que os do ano passado. “Isso se não houver nenhuma intervenção do Governo na economia”, afirma Lincoln da Cunha Pereira, presidente da Associação Comercial de São Paulo.

Em 1992, os números do Natal não foram dos melhores e, portanto, o resultado esperado para este ano não será evidentemente o ideal. “Mas, pelo menos, estamos começando a sair da recessão profunda”, diz Pereira. “Até abril esperamos que a inflação baixe. Se ela cair até dezembro estaremos diante da expectativa do ministro Fernando Henrique”.

Os comerciantes não esperam nenhum “choque” ou qualquer outro tipo de intervenção na economia. As medidas que vêm sendo adotadas pelo Governo são consideradas complementares. “Também não creio que a dolarização seja oficializada. Na Argentina, não foi o dólar que fez a

inflação cair. Foi uma consequência do que já havia. A nossa situação é completamente diferente da Argentina. O dólar, como ponto de referência, é uma coisa inconsciente no brasileiro. Nesse aspecto, não creio que vamos entrar numa aventura”.

Recado — Lincoln da Cunha Pereira manda um recado direto para Brasília: é hora de o Governo reduzir seus gastos. “E o ministro Fernando Henrique está convencido disso. Nós, os contribuintes, já demos o máximo. Agora o Governo precisa enxugar sua máquina. No Banco do Brasil, segundo as denúncias, os gastos são três vezes superiores aos de um banco do mesmo volume e com maior número de empregados. O que deve ser feito é o equilíbrio das contas governamentais. Além disso, o custo com o funcionalismo federal aumentou de seis para 12 por cento. Sem contar as perdas com as estatais”.

Os comerciantes de São Paulo estão contra o IPMF: “Ao invés de enfrentar a reforma tributária, que é uma necessidade urgente, o Governo criou um novo tributo, o IPMF”. Pereira também não está

gostando da afirmativa do ministro da Fazenda segundo a qual se o IPMF cair o Governo “inventará” outro tributo. “Nenhum imposto pode ser criado sem lei. O ministro iria propor e o Congresso votaria. Criar um novo tributo é tapar buraco, ao invés de reduzir os gastos do Governo”.

Lula — Os comerciantes paulistas, segundo seu presidente, não estão mais preocupados com a eventual eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para a Presidência da República. Pereira acha que Lula e o PT estão mudando muito. “Eu creio que não existe nenhuma preocupação com a eleição de quem quer que seja. Não temo”. Lamento que só possa haver um líder no Brasil. O ideal seria a existência de mais líderes, voltados para a abertura da economia. O PT mudou muito. O deputado José Genoíno é um homem esclarecido, aberto, um líder autêntico. Permanece, porém, no movimento ideológico um certo ranço. Mas houve muitas mudanças internacionais e o Brasil não pode ficar na contramão da História”.